

Exame do Touro Reprodutor

A rentabilidade de uma vacada de carne está inteiramente dependente da produção de vitelos sendo esta condicionada, obviamente, pela eficiência reprodutiva de exploração. O sucesso reprodutivo depende da saúde reprodutiva do macho e da fêmea. No entanto, se pensarmos que o macho irá cobrir um número elevado de fêmeas, a fertilidade do touro é imprescindível para o sucesso reprodutivo da vacada, sendo mais importante que a fertilidade individual de cada vaca.

Em Portugal, e até há bem pouco tempo, pouca atenção se prestava ao macho, assumindo-se como dado adquirido a existência de saúde nos touros reprodutores. Felizmente esta tendência tem vindo a ser alterada e, actualmente, muitos produtores recorrem já a exames reprodutivos antes de adquirirem um touro ou antes de o colocarem em cobrição, sendo obviamente um dos componentes de rotina nas explorações que tenham um plano reprodutivo definido. Também nas explorações que estabelecem como objectivo comercial a venda de reprodutores a certificação do seu potencial reprodutivo é essencial e constitui uma mais-valia para a venda desses animais.



Figura 1

Só com uma gestão reprodutiva eficiente é possível maximizar os objectivos produtivos. No caso do touro, a sua capacidade reprodutiva é muito mais importante que a fertilidade individual de cada vaca e pode condicionar a fertilidade global da exploração.

Uma das maiores vantagens de realizar o exame reprodutivo do macho prende-se com a identificação de touros ditos sub-férteis. Estes touros, apesar de serem capazes de originar descendência, e serem muitas vezes observados a detectar vacas em cio, apresentam fertilidade inferior ao que seria de desejar, quer por possuírem alguma incapacidade física que condicione a cobrição, quer por o seu sémen não possuir a qualidade necessária para originar uma gestação. Assim, em vez de 90% das vacas ficarem gestantes numa época de cobrição apenas 20 ou 30% da vacada produzirá um vitelo filho desse touro. Como em muitas vacadas se realizam períodos de cobrição

longos, existindo muitas vezes mais do que um touro em cobrição, a baixa fertilidade desse touro passa frequentemente despercebida sendo, no entanto, que o impacto económico da sua existência não deve de modo algum ser menosprezado. De facto a existência de touros sub-férteis implica muitas vezes um alargamento da época de cobrições, um aumento considerável do intervalo entre partos e consequente diminuição da fertilidade anual com menor número de vitelos desmamados por vaca e por ano. Infelizmente a existência destes touros é muito mais frequente do que a dos touros inférteis, incapazes de produzir descendência, cuja identificação seria bastante mais fácil. Frequentemente o produtor vê-se forçado a aumentar o número de touros em cobrição de modo a conseguir manter a fertilidade aceitável (80-90%). A identificação e eliminação de touros de baixa fertilidade permitirá não só minimizar o número de reprodutores como também reduzir o período de cobrições e partos, aumentando a fertilidade da exploração e o número de vitelos desmamados.

O exame do touro reprodutor ou exame andrológico, deverá ser efectuado anualmente e aproximadamente 60 dias antes do touro entrar à cobrição. Esta calendarização prende-se com o período necessário à produção de espermatozóides (espermatogénese), desde formas mais imaturas até à produção de espermatozóides com capacidade fertilizante. De referir que o exame é válido à data da sua realização, sendo que se o touro sofrer de alguma afecção nos meses seguintes esta avaliação poderá não ter qualquer valor preditivo. Deverá ter-se em atenção a história reprodutiva do animal, nomeadamente o número de animais com que esteve em cobrição e se já existem dados de fertilidade em épocas anteriores. Um aspecto que não deve ser negligenciado é a ocorrência de qualquer doença nos 2 meses anteriores, já que várias patologias, muitas vezes associadas a dor e a febre, poderão interferir no processo de espermatogénese.

Uma das questões que frequentemente é colocada pelo produtor prende-se com as condições necessárias para que o médico veterinário possa proceder ao exame do touro. Apesar de frequentemente existir o preconceito que este processo é complicado, nada está mais longe da realidade. De facto, um simples tronco de contenção e um laboratório de campo são fáceis de montar em qualquer exploração, não sendo necessárias condições altamente especializadas (Figura 2). A portabilidade do electroejaculadores (aparelhos utilizados para estimular a ejaculação) e do material de laboratório possibilita que o médico veterinário possa trabalhar sem dificuldade na maioria das explorações pecuárias.



Figura 2
A avaliação do sêmen tem que ser feita imediatamente após a colheita e pode ser realizado com um laboratório de campo que se instale na exploração.

O exame reprodutivo implica a realização de um exame físico de estado geral, avaliação da genitália externa (testículos, pênis, prepúcio) e exame de sêmen. Idealmente também a libido deveria ser avaliada já que, mesmo que um touro possua sêmen de qualidade elevada, se ele não manifestar interesse pelas vacas e não as cobrir, não será capaz de originar descendência. Apesar de existirem testes bem definidos, que permitiriam a avaliação objectiva da libido, estes não são realizados por rotina, não só pela sua morosidade mas também por implicarem por vezes sistemas de manejo menos comuns.

No exame físico deverá prestar-se especial atenção ao estado geral do animal bem como à sua condição corporal. O animal não deverá apresentar dificuldades de locomoção. Animais com problemas podais ou com outro tipo de lesões que impliquem claudicação terão não só mais dificuldade em identificar fêmeas em cio mas mesmo em efectuar a monta aquando da cobrição. Deve prestar-se particular atenção aos animais com mais idade nos quais o sobrecrecimento das unhas poderá comprometer a locomoção ou animais muito jovens que muitas vezes sofrem traumatismos severos aquando da entrada em grupos de cobrição ou nos parques de engorda. Apesar da escolha do reprodutor ser da responsabilidade do produtor, o médico veterinário deverá alertar aquando da existência de alguns defeitos de aprumo, nomeadamente curvilhões muito fechados ou boletos muito horizontais os quais, ao interferirem na locomoção do animal, poderão prejudicar a sua capacidade reprodutiva. Adicionalmente a visão e olfacto deverão estar íntegros e o animal deve conseguir comer sem problemas.

Após o exame físico proceder-se-á ao exame específico do sistema reprodutor. Deverá efectuar-se a palpação testicular e medição do perímetro escrotal (Figura 3). Existe uma relação directa entre o perímetro

escrotal e a capacidade de produção de sêmen pelo que este poderá ser um bom indicador preditivo. Na medida em que o perímetro testicular é condicionado pela idade, peso e raça do animal torna-se importante o conhecimento dos valores considerados normais de acordo com o animal em questão. Igualmente a palpação testicular cuidada permitirá identificar lesões e alterações de consistência as quais poderão indicar a existência de traumatismos prévios ou inflamação do testículo. Deverá tentar-se visualizar a mucosa peniana e pesquisar a possível existência de aderências ou feridas no prepúcio. Um exemplo claro, e que por certo já foi observado pela maioria dos produtores de bovinos, é a existência de miíase (bicheiras) no prepúcio, com conseqüente influência na exteriorização do pênis e cobrição das fêmeas. O Médico Veterinário procederá também a uma palpação transrectal de modo a avaliar as glândulas sexuais acessórias cuja função condiciona também a quantidade e qualidade do sêmen produzido.



Figura 3
A avaliação de todo o sistema reprodutivo é um dos componentes essenciais no exame andrológico. No caso dos testículos há uma correlação positiva entre o seu perímetro e a capacidade fecundante do animal.

De modo a que se possa avaliar em condições de campo o sêmen de um touro, torna-se necessário estimular a ejaculação, já que em condições de campo a recolha com manequim ou vaca em cio e utilizando uma vagina artificial tornar-se-ia pouco prática. Assim, a recolha efectua-se por estimulação eléctrica recorrendo a um electroejaculador. Este, após esvaziamento da ampola rectal e lubrificação, é introduzido no recto sendo aplicados estímulos eléctricos pulsáteis e de intensidade crescente de forma a obter uma amostra representativa e sem infligir trauma exagerado ao animal. O sêmen pode ser avaliado na própria exploração. Além de caracteres macroscópicos, como cheiro, cor e consistência procede-se também à avaliação microscópica, nomeadamente a motilidade (massal e individual) e avaliação morfológica. Dado que a recolha por



electroejaculação interfere com o volume e concentração de sêmen estes parâmetros não são geralmente tidos em consideração.

Do conjunto de resultados obtidos ao longo deste exame o médico veterinário poderá elaborar um relatório técnico no qual deverão constar todos os dados do exame. Dado que para todos os parâmetros existem recomendações internacionais de valores recomendados, o parecer elaborado pelo técnico terá um carácter objectivo e fundamentado funcionando como uma indicação para o produtor do potencial reprodutivo do seu touro. Assim geralmente considera-se um touro não apto quando apresenta menos do que 30% de motilidade individual e menos do que 70% de formas morfológicas normais. Estes touros poderão ser refugados imediatamente ou ser-lhes dada uma nova oportunidade sendo re-avaliados 60 dias depois. De referir que o facto de um touro ser considerado satisfatório enquanto reprodutor se refere apenas ao momento em que este foi avaliado e, na maioria das vezes, não nos dá indicação sobre a líbido e capacidade de monta deste animal. Os dados do exame andrológico deverão ser comparados com a história reprodutiva prévia do touro nomeadamente fertilidade prévia em épocas de cobrição anterior.

Se o touro for aprovado no exame andrológico teremos então a certeza que essa parte está salvaguardada, podendo então dar-se a devida atenção ao restante da gestão reprodutiva da exploração tendo sempre como objectivo a maximização do número de vitelos produzidos por vaca e por ano, isto é, colocar a fertilidade da exploração no valor que permita a maior rentabilidade económica da mesma.

Elisa Bettencourt, Ricardo Romão
MÉDICOS VETERINÁRIOS

VETAL - Clínica Veterinária do Alto Alentejo, Lda.
R. Comandante José Maria Ceia, 20, 7300-056
Portalegre, Portugal
Email: vetal.portalegre@gmail.com



IBR – Impacto na reprodução

"O elevado potencial genético dos bovinos da raça limousine só pode expressar-se e principalmente transmitir-se à descendência, apenas quando os animais estão num perfeito estado de saúde."

O vírus da IBR, rinotraqueite infecciosa bovina, como é comumente designado, o seu nome científico é herpesvírus bovino tipo-1 (BHV-1), e pertence à família dos Herpesvírus. A esta família também pertencem vírus que afectam outras espécies, como o Herpes labial que afecta o Homem, ou a Doença de Aujeszky dos suínos.

Este vírus tem uma distribuição mundial. Na União

Europeia e outros países europeus, existem planos de erradicação do IBR, com identificação de animais infectados e que impõem restrições ao trânsito animal (Directiva Europeia 64/432). Os nossos vizinhos espanhóis já possuem alguns planos regionais de erradicação, com proibição do uso de vacinas não marcadas.



-  = Livre, não-UE
-  = Livre, membro UE
-  = Parcialmente livre (Bolzano)
-  = Erradicação / legislação nacional
-  = Erradicação / legislação local
-  = Sem programa nacional, nem regional

Adaptado de Crawshaw (2005)